


TIMOR-LESTE EM PORTUGUÊS: METALINGUAGEM E POÉTICA DA RESISTÊNCIA*

Camila Concato**

 <https://orcid.org/0000-0003-2003-2205>

Como citar este artigo: CONCATO, C. Timor-Leste em português: metalinguagem e poética da resistência. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 1-11, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETD017991>

Submissão: 13 de maio de 2025. **Aceite:** 18 de maio de 2025.

Resumo: Este artigo propõe uma análise da formação da identidade timorense a partir da língua portuguesa enquanto metalinguagem de resistência. Considerando o contexto histórico de colonização, ocupação indonésia e independência, explora-se como o português, em diálogo com o tétum e as línguas locais, se transforma em território simbólico de memória e afirmação. A partir da oralidade, dos mitos fundadores e da produção poética de autores como Xanana Gusmão, Luís Cardoso e Maria Ângela Carrascalão, evidencia-se uma poética da resistência em que a linguagem é ritual de sobrevivência e reconfiguração. A abordagem articula metalinguística, literatura e política linguística para refletir sobre a língua como gesto poético de pertencimento.

Palavras-chave: Timor-Leste. Metalinguagem. Língua portuguesa. Oralidade. Resistência.

* Texto resultante da pesquisa de pós-doutorado, desenvolvida no âmbito da linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras dos estudos lusófonos e de relações culturais, linguísticas e identitárias da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), sob supervisão da professora doutora Regina Helena Pires de Brito.

** Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: concato@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Em Timor-Leste, a língua portuguesa não é apenas meio de comunicação: ela se configura como corpo simbólico da resistência, expressão poética de uma memória coletiva ferida, mas em permanente reinvenção. Herança colonial, sim, mas também invólucro mnemônico de pertencimento, o português foi apropriado por vozes timorenses como instrumento de luta contra o apagamento cultural e político, sobretudo durante a ocupação indonésia. Nesse processo, o que se desenha não é uma apropriação passiva de um idioma alheio, mas uma metalinguagem – um discurso sobre si mesmo, sobre o seu uso e sobre a sua história – que se constitui poeticamente como forma de resistência.

Este artigo propõe compreender a formação da identidade timorense por meio da língua portuguesa enquanto metalinguagem. A partir de uma perspectiva metalinguística, exploramos o modo como a língua portuguesa, paradoxalmente, serviu à dominação e, posteriormente, foi reelaborada como elemento estruturante da identidade nacional timorense. No contexto da resistência, a língua torna-se rizoma: conecta tempos, vozes, mitos e sujeitos. Ao examinar a oralidade, os mitos fundadores e a literatura timorense contemporânea, evidencia-se que a resistência timorense não se deu apenas nas armas ou nas assembleias, mas também nos versos, nas narrativas orais e na escolha política e afetiva por uma língua que passou a acolher o trauma, a memória e o sonho.

Diante disso, este estudo articula três dimensões: (1) a explicação teórica da metalinguagem como forma de consciência da linguagem sobre si mesma e, portanto, como gesto de resistência; (2) a contextualização histórica de Timor-Leste e o papel da língua portuguesa na luta pela independência; e (3) a análise poética da construção simbólica da língua enquanto abrigo da identidade. A hipótese que nos move é que a língua portuguesa, em Timor-Leste, funciona como um espaço de negociação entre história e subjetividade, entre colonização e libertação – e é por meio dessa metalinguagem poética que se afirma a existência de um povo.

METALINGUAGEM E RESISTÊNCIA

Em Timor-Leste, a relação com a língua portuguesa está atravessada por camadas históricas e afetivas. Durante a ocupação indonésia (1975-1999), o português foi banido das escolas e da administração, mas resistiu nos subterrâneos da memória, nos exílios, na diplomacia internacional e na poesia insurgente. Sua reintrodução como língua oficial após a restauração da independência (2002) foi menos um retorno e mais uma reconstrução simbólica: a língua foi reinscrita no imaginário coletivo como signo de resistência, dignidade e continuidade histórica.

No entanto, essa reconstrução não se deu em exclusividade. Ao lado do português, o tétum – língua de base austronésia, profundamente marcada pela oralidade e por séculos de contato com o português – também foi elevado à condição de língua oficial. Sua importância transcende a funcionalidade comunicativa: o tétum carrega os ritmos, as imagens e os mitos que estruturam o pensamento timorense. Nele vivem os contos da origem, os provérbios, os cânticos

sagrados, as negociações cerimoniais – elementos que constituem uma cosmovisão e uma forma de ser-no-mundo.

Sendo assim, a resistência linguística timorense não está apenas no uso do português, mas sobretudo na relação metalinguística entre as línguas. O português opera como “invólucro mnemônico” – como lugar de inscrição da luta e do reconhecimento internacional. Já o tétum pulsa como língua de base, alimentada pela oralidade, afetividade e ancestralidade. É nesse entrelaçamento que emerge a verdadeira metalinguagem timorense: não como domínio de uma língua sobre a outra, mas como convivência poética, como tradução do trauma e da esperança. Esse processo pode ser visto na prática bilíngue pedagógica, em que professores timorenses muitas vezes inventam formas poéticas de explicar o português por meio de metáforas locais. Essa reinscrição pode ser exemplificada quando um professor explica o termo “liberdade” em português dizendo: “É como o búfalo solto no mato – ele conhece o caminho, mas escolhe para onde vai”.

A perspectiva metalinguística aqui adotada permite observar esse gesto coletivo como forma de resistência linguística e simbólica. Émile Benveniste (2005) enfatiza que o sujeito se constitui na linguagem e por meio dela – e, nesse sentido, o povo timorense afirma seu “eu” histórico ao tecer uma rede de sentidos entre tétum e português. Esse gesto, ao mesmo tempo político e poético, é também rizomático, no sentido de Deleuze e Guattari (1995): não parte de um centro único, mas de múltiplas ramificações que conectam o sagrado e o cotidiano, o ancestral e o contemporâneo.

Com isso, a resistência timorense se configura como uma metalinguagem viva: é o tétum que pensa a si mesmo ao ecoar nos vocábulos portugueses, e é o português que se descoloniza ao acolher os ritmos, as metáforas e os léxicos do tétum. A língua deixa de ser apenas instrumento para tornar-se metáfora viva – de si mesma, da história e da identidade.

CONTEXTO HISTÓRICO DE TIMOR E A LÍNGUA PORTUGUESA COMO GESTO POLÍTICO E SIMBÓLICO

A situação linguística de Timor-Leste é marcada por uma complexa rede de interações entre línguas locais, o tétum e o português, resultado de uma longa história de migrações, colonização e resistência. O país abriga dezenas de línguas pertencentes às famílias austronésias e papuas, cuja diversidade se explica por Timor ter sido parte de antigas rotas migratórias. Nesse cenário multilinguístico, o tétum destacou-se como língua franca desde antes da chegada dos portugueses: “[...] o tétum já era a língua franca, pois era falada pela tribo dos beloneses, a mais poderosa da região” (Brito; Martins, 2004, p. 4), tendo sua difusão ampliada quando passou a ser a língua oficial da Igreja Católica. Isso contribuiu para uma “rápida propagação, adoção e efetiva utilização pelos timorenses” (Brito; Martins, 2004, p. 4). Durante o período de colonização portuguesa, o modelo baseado na miscigenação e na evangelização facilitou o processo de interação entre as estruturas sintáticas e léxicas do português e as línguas locais. Nesse sentido, o tétum consolidou-se como língua de coesão social e símbolo identitário da população timorense, enquanto o português, ainda que restrito aos domínios da instrução formal e da administração colonial, passou a influenciar a formação de uma variante linguística híbrida, profundamente entrelaçada às práticas sociais, religiosas e políticas da vida cotidiana.

Com a ocupação indonésia, a partir de 1975, o panorama linguístico sofreu uma reconfiguração brutal. A política de integração promovida pelo governo de Jacarta impôs a bahasa indonésia como única língua oficial, enquanto o português foi sumariamente banido das escolas, da imprensa e da vida pública. Essa tentativa de erradicação linguística foi também de apagamento identitário, isto é, anular a memória lusófona era suprimir uma das bases simbólicas da distinção timorense.

Entretanto, a resistência cultural se fez justamente por meio da linguagem. No exílio e na clandestinidade, o português foi a língua da diplomacia, da articulação política internacional e da literatura de combate. A rádio Voz de Timor-Leste Livre, por exemplo, transmitia em português para os ouvidos do mundo e também para os corações timorenses, enquanto no território a oralidade do tétum continuava a ecoar nos ritos e nas narrativas que escapavam à vigilância indonésia. A resistência não era apenas física ou armada, era discursiva, simbólica e linguística.

Quando o país se torna independente, a língua portuguesa é escolhida como língua oficial:

Com a independência em 20 de maio de 2002, a língua portuguesa assumiu o estatuto de oficial, ao lado da língua tétum, conforme se lê no art. 13, n.º 2 da Constituição: “O tétum e o português são as línguas oficiais da República Democrática de Timor-Leste”. Assim é que expressar-se em português, para os timorenses, tal como aparece em documentos oficiais do governo desse novo estado nacional, é uma forma de mostrar uma face diferenciada do país, em relação aos projetos expansionistas de vizinhos poderosos, como Austrália e Indonésia (Brito, 2011, p. 19).

Desse modo, a escolha do português como uma das línguas oficiais na Constituição de 2002 não foi um gesto de retorno a um passado colonial, mas uma afirmação metalinguística: escolher o português foi narrar a própria história da resistência e da sobrevivência. Foi dizer, em alto e bom som, que a língua que outrora chegou com a cruz e a espada agora seria usada como escudo e voz. Essa decisão teve forte valor simbólico internacional – aproximando Timor da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), da ONU e de apoios lusófonos –, além de um valor subjetivo: reconstruir uma identidade marcada pela dor e pelo exílio por meio da reapropriação da linguagem.

Ao lado do português, o reconhecimento do tétum como cooficial consagrou o equilíbrio entre herança e enraizamento. O tétum, com sua carga oral, sagrada e cotidiana, preservou durante a ocupação os traços mais profundos da identidade timorense. Sua forma escrita, ainda em processo de padronização, convive com expressões locais e com um léxico fortemente influenciado pelo português. Tal convivência não é pacífica, tampouco homogênea, mas configura uma metalinguagem de convivência: o português pensa a nação em termos de projeção, enquanto o tétum pensa a nação a partir do chão, do corpo, da comunidade.

Além disso, Timor-Leste é um dos países mais linguisticamente diversos da Ásia: cerca de 15 a 20 línguas austronésias e papuas ainda são faladas em diferentes regiões do território. Essas línguas locais, apesar de não gozarem de *status* oficial, são fundamentais para a vida cultural e espiritual das comunidades. Elas resistem como testemunhos vivos da pluralidade timorense e operam como uma base subterrânea que alimenta o tétum, que, por sua vez, dialoga com o

português. Essa constelação linguística permite pensar a nação não como uma unidade rígida, mas como um rizoma de vozes – articuladas, tensionadas e interdependentes.

Assim, a língua portuguesa em Timor-Leste é mais do que um idioma: é uma metalinguagem de resistência, que coexiste com o tétum e com as línguas locais em um campo de forças em que identidade, memória e história se entrelaçam. Ao oficializá-la, o povo timorense construiu um gesto que é, ao mesmo tempo, político e poético – um gesto que afirma: resistimos pela palavra, e nela nos reconhecemos.

MITOS FUNDADORES E ORALIDADE COMO POÉTICA DA RESISTÊNCIA

Antes de existir como Estado, Timor-Leste já existia como narrativa. A oralidade, nesse território, não é apenas modo de transmissão cultural, mas constituição ontológica da memória coletiva. Em uma sociedade marcada por regimes coloniais e tentativas de silenciamento, a oralidade funcionou como refúgio da subjetividade, como território simbólico de resistência e reconstrução identitária. Em Timor, resistir não foi apenas sobreviver: foi continuar a contar; e as narrativas são compostas do que é intrínseco ao ser humano. Adriana Cavarero (2025, p. 63), em sua *filosofia da narração*, explicita que “[...] o sujeito se deixa capturar pelo fascínio de uma universalidade que o torna substância”, ou seja, no caso do Timor-Leste essa substância é identitária.

O mais emblemático entre os mitos fundadores é o do crocodilo que virou ilha, narrativa ancestral que, ainda hoje, é contada às crianças como explicação cosmogônica da origem do território. Segundo o mito, um jovem salvou um crocodilo doente, e, em retribuição, o animal levou-o em suas costas pelos oceanos até, por fim, transformar-se em terra firme – a ilha de Timor. Esse gesto de gratidão deu origem ao povo timorense, filhos da travessia e da transformação. O mito do crocodilo possui força não apenas explicativa, mas também metafórica, pois o animal sacrifica seu corpo para que um povo possa existir – como o próprio povo timorense teve que sacrificar corpos, línguas e vidas para afirmar seu direito de ser. O mito narra o nascimento da terra, mas também a ética da reciprocidade e da resistência silenciosa. Esse gesto pode ser nomeado como metalinguístico, visto que o corpo da ilha é a linguagem do crocodilo transformada, assim como o corpo da língua portuguesa, em Timor, é transformado pelo gesto de resistência e de reescrita. Percebe-se, portanto, que a força do mito não se encontra na literalidade, mas em sua performance oral. Ele sobrevive na voz dos anciãos, nas rodas de conversa, nos rituais e nos provérbios. Segundo Paul Zumthor (1993), crítico-historiador, a oralidade não apenas transmite o saber, mas também o encarna; cada narrativa oral é um acontecimento, uma cena de linguagem que só existe no entre – entre o falante e o ouvinte, entre o tempo do mito e o tempo presente. Essa presença viva da palavra, que pulsa no tétum, é um dos pilares da resistência simbólica timorense.

O tétum, enquanto língua cooficial, carrega em sua matriz oral a poética da convivência e da ancestralidade. Seus ritmos, metáforas e construções não apenas resistem à colonização, mas também a reinventam. A coexistência com o português, nesse caso, não apaga a oralidade, ao contrário, a oralidade reconfigura o português timorense, afetando sua musicalidade, suas imagens, suas formas de nomear. Dessa forma, a relação entre as duas línguas torna-se um

campo de fricção criativa – um espaço no qual a metalinguagem da resistência se inscreve. Nesse contexto, falar – em português ou em tétum – é mais do que comunicar, é ritualizar a sobrevivência e o mito do crocodilo, contado em voz alta, é mais que uma história, é a reafirmação simbólica de que o território existe porque alguém escolheu transformar o sofrimento em chão. Do mesmo modo, a escolha de uma língua, ou a convivência entre línguas, não é neutra – é um gesto de invenção do mundo, uma afirmação ontológica.

Portanto, a poética da resistência timorense nasce no ventre da oralidade. Ao narrar, o povo timorense metaforiza sua história, ressignifica suas dores e reconfigura o sentido de pertencimento. A linguagem, nesse processo, torna-se o próprio corpo da resistência. E é nesse corpo que a nação se escreve – entre sons, silêncios, ritmos e imagens.

Em Timor-Leste, a língua portuguesa não atua isoladamente: ela convive com o tétum, o bahasa indonésio e outras línguas locais, compondo um corpo linguístico plural que se torna, por si só, metáfora da resistência timorense. A análise da estrutura lexificadora – termo que se refere ao idioma que fornece a maior parte do léxico (palavras) em situações de contato linguístico – revela um processo de tensão e transformação simbólica. No caso do tétum-praça (variante urbana), é o português que fornece grande parte do léxico, ao passo que a gramática se ancora em estruturas austronésias. Essa hibridez revela-se como resistência linguística: uma forma de adaptação que preserva a identidade local mesmo diante da imposição de línguas dominantes. No cenário pós-colonial e pós-ocupação do país, a língua portuguesa emerge não apenas como herança histórica, mas também como instrumento de resistência simbólica e reconfiguração identitária. Nesse contexto, a noção de “contaminação”, longe de possuir conotação negativa, pode ser ressignificada à luz de um processo dialógico e mutualista entre línguas e culturas.

O português, nesse processo, torna-se uma língua contaminada – no sentido positivo e simbólico do termo. A palavra “escola” (eskolá), por exemplo, é absorvida fonologicamente pelo tétum, enquanto palavras como “povo”, “resistência”, “independência”, “solidariedade” e “memória” adquirem sentidos ampliados e afetivos na fala cotidiana. Ao ser “contaminada” por ritmos, estruturas e imagens provenientes de línguas locais – especialmente o tétum –, a língua portuguesa adquire nova densidade expressiva, tornando-se linguagem de memória e invenção. Trata-se de uma relexificação simbólica, o vocábulo português se mantém, mas sua significação se transforma conforme o contexto cultural. Longe de se manter puro ou impermeável, o português adaptou-se ao contexto timorense, transformando-se também em produto de uma contaminação criativa:

Assiste-se, portanto, a uma naturalidade na escolha do português, pela parceria secular com o tétum [...] que resulta numa interpenetração mútua entre as duas línguas, em que se tipifica o português falado por timorenses e em que o tétum absorve do português influências nos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e pragmático (Corte-Real; Brito, 2006, p. 129).

Essa “interpenetração mútua” é, também, a manifestação daquilo que Homi Bhabha (1998) denominou hibridismo cultural, em que a língua dominante não se impõe, mas se refaz no contato com o outro.

Além do português e do tétum, outras línguas atuam nesse processo de tessitura lexical. O bahasa indonésio, imposto durante a ocupação, deixou traços

importantes na fala popular e nas camadas institucionais, como no sistema educacional e jurídico. Mesmo assim, ele foi gradualmente sendo substituído ou “rebatizado” por expressões portuguesas em contextos pós-independência. Algumas línguas litúrgicas ou filosóficas, como o páli (de base budista), também aparecem em contextos espirituais, ampliando a complexidade da paisagem linguística de Timor-Leste.

Essa convivência entre idiomas não ocorre por justaposição, mas por hibridismo profundo. A estrutura lexificadora do português, em Timor, funciona como um invólucro simbólico, pois abriga dentro de si memórias de exílio, gestos de reconciliação, práticas orais ancestrais. Não se trata de pureza ou correção formal, mas de potência simbólica; o português é habitado, reformulado, atravessado. Nesse processo, a língua torna-se um corpo múltiplo – em que convivem ritmos do tétum, vocábulos indonésios, metáforas locais, oralidades do cotidiano e injunções do mundo globalizado.

Essa multiplicidade transforma a própria ideia de língua nacional. Em vez de uma norma fixa, a língua timorense em português é ritual de recomposição, já que é um gesto político que acolhe o outro e, ao mesmo tempo, resguarda a si mesmo. Como metáfora da resistência, a estrutura lexificadora mostra que o léxico não é apenas inventário de palavras, mas também campo de disputa e de sentido em que se decidem identidades, histórias e futuros.

LITERATURA TIMORENSE COMO METALINGUAGEM DA RESISTÊNCIA: ESCRITAS EM PORTUGUÊS

A literatura de Timor-Leste não pode ser dissociada de sua história de violência, ocupação e emancipação. No território timorense, escrever é, muitas vezes, mais do que narrar, é sobreviver em palavras, dizer a si mesmo a despeito do apagamento, e, sobretudo, reconfigurar o tempo pela linguagem. A escrita emerge como forma metalinguística de resistência, pois carrega uma consciência aguda de seu gesto. Cada poema, cada romance, cada crônica é um corpo textual que refaz a história e reposiciona a língua portuguesa como invólucro simbólico da memória e do pertencimento. Destacam-se, entre tantos igualmente importantes, três ícones da produção literária timorense: Xanana Gusmão, Luís Cardoso, Maria Ângela Carrascalão.

José Alexandre “Xanana” Gusmão, conhecido por sua atuação política, é também um dos poetas fundadores da literatura da resistência timorense. Preso pela Indonésia em 1992, escreveu, da cela, o livro *Mar meu* (1998), uma coletânea de poemas que mesclam lirismo, denúncia e espiritualidade. No espaço do cárcere, a poesia torna-se gesto de liberdade interior e afirmação do ser coletivo: o “eu” lírico de Gusmão nunca está só – nele ressoam a terra, o povo, os ancestrais. Em *Mar meu*, o mar é símbolo de travessia, de perda e de esperança. Já a prisão metaforiza a própria história de Timor, um espaço fechado no qual o tempo é suspenso, mas a memória resiste. A linguagem poética da obra é carregada de tensão entre a interioridade reflexiva e a exterioridade política. Há um trabalho de escrita metalinguística, pois a língua – portuguesa – é tematizada, problematizada e, enfim, apropriada como arma simbólica.

Na prisão, Gusmão escreve em português, mas não como colonizado que reproduz a norma – ele funde a estrutura do português a um imaginário timorense.

Nos poemas de *Mar meu*, o mar aparece como símbolo de travessia e sofrimento, mas também como mãe, corpo, pátria; além de ter uma lírica atravessada por imagens do cotidiano timorense (os búfalos, as montanhas, o silêncio da prisão) que moldam o português a uma afetividade local, íntima e política.

Outro aspecto notável é a forma como Xanana reconfigura o português a partir da oralidade e do imaginário timorense. Ele desdobra uma tensão poética entre a construção formal do verso e a irrupção de imagens oriundas do tétum, da mitologia local, da cosmovisão comunitária. Assim, o autor-poeta transforma a escrita em ritual de reconexão com a terra e com o tempo, criando uma poética de resistência que é também metalinguagem da própria condição exilada.

No caso de Luís Cardoso, sua escrita cuida do “entrelugares”. Autor de obras fundamentais como *Crônica de uma travessia* (1997), *O requiem para o navegador solitário* (2007) e *O plantador de abóboras* (2020), constrói uma literatura que se situa entre a memória e a migração. Seus textos são marcados por uma geografia afetiva – deslocamentos, exílios, reencontros –, e por uma escrita auto-consciente: ele escreve em português, mas tematiza o exílio da língua, a saudade do tétum, o silêncio das línguas locais. Em *Crônica de uma travessia*, obra de estreia e referência na literatura pós-independência, Cardoso narra sua infância e juventude em Timor, os anos de exílio em Portugal e o impacto da guerra. A linguagem aqui é performativa: o português serve como ponte, mas é também lugar de dor e de desencaixe. O autor escreve como quem revisita ruínas, mas suas palavras constroem uma nova casa simbólica – um lugar em que as línguas dialogam e a memória se organiza. Ele utiliza expressões como *ai-dik-funam* (tempo das borboletas) no corpo do texto, sem tradução direta, obrigando o leitor a conviver com a alteridade timorense dentro da língua portuguesa. Cardoso representa o sujeito timorense contemporâneo, atravessado por línguas, histórias e fronteiras. Sua literatura atua como metalinguagem do entre, expondo o gesto de escrever como tentativa de tradução – de si, do país, da infância, do luto. Ao tematizar o próprio ato de narrar, ele inscreve sua obra no campo da resistência simbólica; o autor não apenas conta Timor, mas também reinscreve o país no espaço da linguagem.

Jornalista, escritora e política, Maria Ângela Carrascalão tem sua produção marcada pela experiência íntima do trauma coletivo. Em obras como *As lágrimas de uma mãe* (2002), sua escrita oscila entre a crônica, o ensaio poético e a prosa de testemunho. Sua linguagem é profundamente afetiva, marcada por uma estética do fragmento e da evocação. Em *As lágrimas de uma mãe*, Carrascalão parte da dor da perda de um filho para narrar, simbolicamente, a dor de uma nação. A maternidade, a casa, a infância, os gestos cotidianos tornam-se espaços políticos – aquilo que parece íntimo revela-se coletivo. A escolha da língua portuguesa, nesse contexto, não apenas comunica, mas também invoca. É uma linguagem que se dirige ao passado sem descolar-se do presente – que se permite sangrar poeticamente. Sua linguagem também se aproxima da oralidade feminina e afetiva, trazendo uma cadência marcada por repetições, pausas e construções sintáticas não normativas, inspiradas na fala cotidiana timorense. A produção escrita de Carrascalão se constitui como uma metalinguagem do afeto: um discurso que tematiza a linguagem como insuficiente, mas necessária; como estrangeira, mas portadora de pertencimento. Assim, sua obra também contribui para a construção simbólica de um Timor que não se afirma pela grandiloquência, mas pelo murmúrio contínuo da memória.

A complexidade linguística de Timor-Leste não é um desafio educacional – um campo simbólico em disputa. Desde a independência, em 2002, a política linguística do país busca equilibrar o português e o tétum como línguas oficiais, em um contexto marcado por plurilinguismo e desigualdade de acesso à língua portuguesa. É nesse cenário que a formação docente emerge como estratégia fundamental, tanto para a consolidação do bilinguismo como, sobretudo, para a construção de um sujeito timorense que se reconhece e se constitui por meio da linguagem.

A proposta de ensinar português em Timor não pode ser concebida como mera difusão de um código normativo. O português, nesse território, carrega o peso da história, mas também a possibilidade de reinvenção. Ele não é apenas língua estrangeira: é língua de resistência, memória e projeção simbólica. Nesse sentido, a língua portuguesa assume, como defendido neste artigo, uma função metalinguística – ela fala de si mesma e da condição do sujeito timorense, permitindo que ele se inscreva na linguagem como autor de sua própria narrativa. Ao formar professores capazes de ensinar o português com essa consciência simbólica, a política linguística timorense se desloca do modelo colonial de imposição e aproxima-se de uma pedagogia emancipatória. Ensinar o português como estrutura metalinguística é ensinar a pensar sobre a própria identidade, a historicidade do idioma, suas tensões com o tétum e sua função simbólica como abrigo da memória coletiva.

A relação entre português e tétum, por sua vez, deve ser compreendida não como antagonismo, mas como articulação poética. O tétum, língua de base oral, afetiva e ancestral, constitui o solo simbólico sobre o qual a língua portuguesa pode florescer como segundo idioma em Timor-Leste. Longe de se configurar como mera coexistência, a relação entre essas duas línguas expressa uma parceria ancorada em valores culturais e políticos que moldam a identidade nacional timorense. Como observam Corte-Real e Brito (2006, p. 129), “[...] a parceria das duas línguas estabeleceu-se, assim, sem concorrência de alguma outra vernacular de Timor, tornando-se um importante factor de caracterização linguística de ambas”. Assim, a escolha do português como língua oficial não resulta de uma imposição exógena, mas de uma dinâmica simbiótica na qual o tétum oferece o terreno linguístico e cultural fértil para sua legitimação e florescimento. Um português que não substitui, mas complementa. Um português que não apaga, mas que escuta, acolhe e transforma. Para isso, a formação docente deve ser metalinguística em sua essência, visto que precisa formar sujeitos que reflitam sobre as línguas que falam, sobre as línguas que ensinam e sobre os modos de ser que essas línguas expressam. Isso implicaria valorizar a oralidade timorense como ponto de partida pedagógico, trabalhar com gêneros discursivos que façam sentido para o aluno, integrar a literatura timorense em português como eixo estruturante do currículo e promover uma abordagem reflexiva sobre a língua que envolva sua história, sua carga simbólica e seu potencial poético. A literatura, nesse processo, é mais do que conteúdo, é metodologia. Ao ler Xanana Gusmão, Luís Cardoso ou Maria Ângela Carrascalão, o aluno timorense não aprende só o vocabulário – aprende a narrar sua própria experiência na língua portuguesa.

Portanto, a política linguística timorense só será verdadeiramente eficaz se compreender que ensinar uma língua é, também, ensinar um lugar no mundo. E que, em Timor, esse lugar só se constrói na escuta profunda entre línguas, memórias e silêncios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Timor-Leste é uma história de travessias – geográficas, políticas, linguísticas e simbólicas. Nesse percurso, a língua portuguesa, inicialmente imposta pela colonização, foi progressivamente ressignificada como instrumento de memória, resistência e invenção identitária. Ao lado do tétum e das demais línguas locais, o português se transforma em território simbólico no qual a nação se reinscreve após o trauma da ocupação. Desse modo, a resistência não se deu apenas nas montanhas ou nas trincheiras diplomáticas, mas também nas palavras, ou seja, nos mitos, nos poemas, nos romances, nos discursos de quem ousou continuar a contar.

Tomando como chave interpretativa a metalinguagem, este artigo procurou demonstrar como a língua portuguesa em Timor-Leste opera como espelho e gesto. Espelho de uma história de apagamento e reconstrução, e gesto político de reapropriação da própria voz. Essa metalinguagem é múltipla, manifesta-se na oralidade ancestral do tétum, nos mitos fundadores, nos discursos poéticos de Xanana Gusmão, Luís Cardoso e Maria Ângela Carrascalão e na convivência tensional entre línguas que constroem a nação desde dentro.

A literatura timorense contemporânea configura-se como poética da resistência porque é também metalinguagem da condição timorense. Ao tematizarem a própria escrita, a escolha da língua e os dilemas da identidade, esses autores não apenas testemunham o passado, mas também reinscrevem o futuro. Suas palavras desenham um Timor que se faz e refaz na fricção entre línguas, na memória do exílio e no sonho da autonomia simbólica.

Resistir, em Timor, é verbo conjugado na língua portuguesa – não como herança inquestionada, mas como escolha criadora. O português, nesse cenário, não apaga o tétum nem as línguas locais, mas convive, escuta, se deixa afetar. A poética da resistência se escreve, portanto, no entre: entre línguas, entre tempos, entre o que se pode dizer e o que permanece no silêncio fértil da memória.

EAST TIMOR IN PORTUGUESE: METALINGUISTICS AND THE POETICS OF RESISTANCE

Abstract: This article proposes an analysis of Timorese identity formation based on the Portuguese language as a metalinguistic form of resistance. Considering the historical context of colonization, Indonesian occupation, and independence, it explores how Portuguese, in dialogue with Tetum and local languages, becomes a symbolic territory of memory and affirmation. Through oral traditions, founding myths, and the poetic works of authors such as Xanana Gusmão, Luís Cardoso, and Maria Ângela Carrascalão, a poetics of resistance is revealed in which language becomes a ritual of survival and reconfiguration. The approach connects metalinguistics, literature, and language policy to reflect on language as a poetic gesture of belonging.

Keywords: East Timor. Metalinguistics. Portuguese language. Orality. Resistance.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Luiz J. C. Barbosa. Campinas: Pontes, 2005.

- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRITO, R. H. P. de. Língua portuguesa em Timor-Leste: resistência, identidade e poder. *Agália: Revista de Cultura e Ciências Sociais*, [s. l.], n. 112, p. 81-98, 2011.
- BRITO, R. H. P. de; BUENO, A. M. Ensinar português em Timor-Leste: relatos e reflexões. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 62, p. 150-173, jan./jun. 2022.
- BRITO, R. H. P. de; MARTINS, M. de L. Moçambique e Timor-Leste: onde também se fala o português. In: CONGRESSO IBÉRICO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2004, Covilhã. *Anais [...]*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2004. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/30016>. Acesso em: 19 maio 2025.
- CABRAL, E. B. Línguas e políticas linguísticas em Timor-Leste: entre a ideologia da língua e a realidade do uso. In: LIMA, A. C.; FARACO, C. A. (org.). *Linguagem e poder: discursos, identidades, políticas*. Curitiba: Appris, 2014. p. 139-160.
- CARDOSO, L. *Crónica de uma travessia: a época do Ai-Dik-Funam*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- CARRASCALÃO, M. Â. *As lágrimas de uma mãe*. Lisboa: Colibri, 2002.
- CAVARERO, A. *Olha-me e narra-me: filosofia da narração*. Tradução Milena Vargas. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2025.
- CORTE-REAL, B. de A.; BRITO, R. H. P. de. Aspectos da política linguística de Timor-Leste: desvendando contracorrentes. In: MARTINS, M. de L.; SOUSA, H. (org.). *Comunicação e lusofonia*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2006. p. 123-131. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/30016>. Acesso em: 19 maio 2025.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.
- GARCIA, R. Z.; MAGALHÃES, C. *Literatura e formação: sujeitos leitores em tempos de mudança*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.
- GUSMÃO, X. *Mar meu*. Lisboa: Público, 1998.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e identidade*. São Paulo: Cortez, 2002.
- RICOEUR, P. *A metáfora viva*. Tradução Mario Ferreira. São Paulo: Loyola, 2005.
- SILVA, K. da. A linguagem da nação em Timor-Leste: língua, identidade e política. *Mana*, v. 13, n. 2, p. 307-336, 2007.
- STRAUMANN, R. N. Educação e multilinguismo em Timor-Leste: uma experiência de formação de professores em língua portuguesa. In: LIMA, S. R. de. *Português em contextos multilíngues*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 107-128.
- ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: a literatura medieval*. Tradução Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Edusp, 1993.